E1E

ANO IV NUM. 26

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

AGOSTO DE 1943

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
BIBLIOTECA
N.º 527
Data 22-11-28

SER PROFESSORA

Ser professora é ser bemdito lume
que aclara a escuridão da ignorancia,
pondo beleza, luz, côr e perfume
No lirial espírito da infancia.

É ser o tutelar, celeste nume
que encurta e enche de luz qualquer distancia,
doçura dando aos travos do azedume
e dando ao pensamento ressonancia...

É ser pastora, guiando a mocidade
pelos caminhos da felicidade,
da honra, da virtude e do dever.

E assim por todos deve ser amada
a criatura por Deus predestinada
a professora neste mundo ser.

ABILIO BARRETO

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

Revista de orientação técnico-pedagógica
Registrada no D.I.P. sob o n.º 13.604

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS
Rua Bernardo Guimarães, 2200
Fone — 2-0267

Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ns.) . . Cr$ 24,00
Assinatura especial para sócios da Associação . Cr$ 18,00
Número avulso . . . Cr$ 2,50

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

SER PROFESSORA — *Soneto* — Abílio Barreto 669

IDEAL E FECUNDIDADE DA EDUCAÇÃO CRISTÃ — Helena Reis 671

ESTUDOS SOBRE A CRIANÇA DE JARDINS DA INFANCIA E SEUS INTERÊSSES — Dra. Betti Ratzenstein 678

RESPIRAÇÃO PROPRIAMENTE DITA — Henrique Marques Lisbôa 684

KIKI, O PATINHO DESOBEDIENTE — Adaptação de Mariléo 690

GUERRA NO MATO — *Poesia* — Vinicius Meyer 691

PLANOS DE LIÇÃO — L. Montandon 692

PRIMAVERA 694

IMPRESSA NA
GRAFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
AV. AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

IDEAL E FECUNDIDADE DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Helena REIS
Diplomada pela E. de Aperfeiçoamento Pedagogico de B. Horizonte — Orientadora da Liga da Ação Católica em Varginha

O rumo que tomam as atividades de uma época é marcado pela concepção de vida que caracteriza essa época, pelos seus princípios filosóficos.

Quando o indivíduo, inteligente e hábil, adapta-se facilmente a uma situação, de conformidade com as conveniências do seu meio, no interêsse de sua própria pessoa, êle está obedecendo ao pensamento filosófico da época, embora, muitas vezes, ignore "a verdade escondida que faz aquele modo de agir".

Como se caracteriza a nossa época? Um estudo sôbre as causas dessa crise que asfixia o nosso conturbado mundo, foge às cogitações desta modesta contribuição, por duas grandes razões. A primeira é a falta de autoridade pessoal, que decorre da uma cultura deficiente e não especializada; a segunda é que fugiria ao objetivo dêste trabalho.

Nele vai apenas a boa vontade de uma professora primária provinciana, que não sabe, por certo, realizar o ideal da educação cristã, mas sabe sentí-lo na angústia dos infelizes que a cercam; sabe sentí-lo na deficiência da formação cristã da nossa gente; sabe sentí-lo na ausência de paz interior que flagela o homem de hoje; sabe sentí-lo na incerteza dos fins a serem atingidos pelas ações dos homens que nos rodeiam.

Procurando a solução destes problemas, encontramos estudos interessantes e que muito nos podem esclarecer, principalmente entre os pensadores cristãos, os únicos que sabem perfeitamente para onde vamos e aceitam êste caos em que nos debatemos, como uma manifestação da Providência que hoje, como sempre, vela incessantemente pelo mundo.

"Vivemos num ambiente confuso e indistinto como raras vezes ou jamais tenha ocorrido no mundo desde que a Luz e as Trevas foram definidas pela palavra do Eterno. A essa confusão é que chamamos de perda ou diminuição sensivel do espírito de eternidade, num momento histórico como o nosso, em que o Tempo é cada vez mais a medida de todas as coisas".

"O homem dos nossos dias, numa marcha vertiginosa, vai-se desespiritualizando".

"Sentimos isto no prestígio e na preferência cada vez maiores que vão ganhando as coisas visíveis e tangíveis, os interêsses imediatos e as atividades meramente utilitárias.

"O êrro não está em apreciar as coisas transitórias, mas em negar os valores que ficam".

"O nosso mundo perdeu o sentido do Eterno, a idéia da presença de Deus".

"No lugar do Unico Absoluto, muitos valores relativos foram colocados. E a êsses relativos, que se tornaram absolutos para o homem dos nossos dias, presta-se um culto de verdadeira adoração".

"O espírito vai cada vez mais sendo asfixiado pelas manifestações da matéria, única realidade existente aos nossos sentidos; o espírito vai desaparecendo de um mundo em que a técnica parece resolver todos os problemas; o espírito sufoca-se e agoniza em uma época em que o poder da fôrça e a liberdade dos instintos são endeusados".

A nossa civilização precipita-se no abismo. "A lei de todas as civilizações é pois, que sobem enquanto tendem ao Eterno Bem e decaem sempre que na tentação de se transformarem as coisas efêmeras em bens eternos, caminham para o Eterno Mal".

O homem inverteu a hierarquia dos valores, sobrepôs a matéria ao espírito; e a na sêde de plenitude da sua alma imortal "que nenhum progresso da civilização logrará um dia estancar",

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

vão-se sucedendo os mitos. "Obnubila-se na vida espritual do homem a conciência dos próprios destinos. Uns após outros, no trono das suas orações, vão subindo e tombando os ídolos efêmeros e impotentes. E com a queda sucessiva de falsos deuses e a experiência repetida de desenganos dolorosos, enraiza-se a dúvida, a tortura e o desespêro. Qual o destino dêste ser que tanto sofre e tanto aspira? Terá mesmo o homem um destino? E a vida uma razão suprema de ser vivida? Eis a tragédia interior que sob os esplendores de uma civilização material, devorou a vitalidade interna da alma contemporânea desfinalizada".

Essa concepção de vida da nossa época se faz sentir viva e intensamente sôbre a obra da educação. "As correntes educacionais seguem sempre a marcha ondulante dos sistemas filosóficos".

As teorias educaeionais não possuem iniciativa própria. As escolas são apenas o instrumento de que se serve o homem para a execução dos planos que as idéias de cada época lançam. A desordem espiritual dos nossos dias reflete-se na pedagogia atual. Multiplicam-se as correntes pedagógicas modernas, sempre baseadas no naturalismo, cujo aparecimento se define no Renascimento. As teorias nele baseadas negam os valores transcendentes e consideram o homem e o universo como últimas e únicas realidades. E' a filosofia materialista da existência. Dela se destacam aqueles que veem no homem apenas um representante da escala zoológica, e aqueles que consideram a educação como um problema puramente técnico, tendo a escola como laboratório, a criança e o seu desenvolvimetno como meio e fim da educação. Êles colocam os fins temporais acima dos fins espirituais. O fim que teem em vista é temporal e por isto mesmo contingente, seja êle a sociedade, a nação, a raça.

O antinaturalismo está em sentido oposto. Subordina a natureza ao homem e o homem a Deus. E' a concepção espiritualista da vida é a afirmação dos valores absolutos e eternos. Considera o homem dotado de uma alma livre e imortal. Decorrem da filosofia antinaturalista a corrente que admite a existência de realidades transcendentes e os valores sobrenaturais, e aquela que, embora não admitindo realidades supra-terrenas, afirma insistentemente a primazia do espírito, do pensamento e da cultura. "E' como que um impulso para o transcedente".

Não se pode educar sem que se tenha um fim em vista, seja êle o indivíduo, seja a sociedade, seja a nação ou a raça.

Sem o complemento de uma filosofia pedagógica, de nada vale a psicologia pedagogica.

"O ideal da Educação é a mais importante ciência auxiliar da Pedagogia". A ausência de ideal educativo gera a confusão, a dispersão.

"Ora, a idéia que se faz de Deus é sempre o postulado fundamental de toda a concepção de vida".

Não podemos confundir o objeto de formação — a criança e os meios de formação — métodos e processos, com a finalidade da formação — o ideal pedagógico.

Será grave êrro transformar num problema de método ou de técnica o que é essencialmente um problema de fim ou de ideal.

"Ora, a educação é uma atividade essencialmente normativa que se processa sempre no sentido de determinados fins.

Educar é formar de acôrdo com um ideal. Em educação êsse ideal é o da perfeição humana."

Tôda a pedagogia gravita, assim, em tôrno de um ideal, que é sempre o reflexo de uma concepção de vida. "Mesmo aqueles que pretendem fazer da educação um fim em si mesma, colimam, sem o perceber, ideais educativos e defendem, sem o querer, uma filosofia de vida."

Não estará certamente o verdadeiro caminho a seguir com aqueles que reduzem a obra da educação apenas a uma questão de métodos, de técnicas, e de processos, nem ainda com aqueles que visam a criança em si mesma. A pedagogia inspirada pelo naturalismo não pode resolver o problema da felicidade humana. Êsse ideal que endeusa a sociedade, a raça, a nação, a técnica, o ouro, produziu essa civilização confusa e indistinta que aí está. Foram os ideais que dela decorrem que fecunda-

ram, germinaram e amadlureceram êsse ódio entre povos e nações; essa ausência de paz que sufoca o mundo; a sêde de conquista e de predomínio pela fôrça, que tudo vai tragando na voragem desta guerra.

A verdade estará certamente com aqueles que marcam para a educação a finalidade suprema a ser atingida pelo ideal humano. "A finalidade do Homem está ligada ao supremo ideal da educação."

"O valor de uma pedagogia não se afere pelo rigorismo e precisão dos seus meios científicos, mas pela elevação e dignidade da sua concepção de vida." Nenhuma outra filosofia coloca mais alto o seu fim do que a filosofia cristã. Enquanto as outras se preocupam com a formação do homem para si mesmo ou para o tempo, ela visa, nas mais insignificantes manifestações do homem, a realidade eterna das coisas.

Sem esquecer a quéda da natureza humana, que nos dispôs para o pecado com o enfraquecimento da nossa vontade e com a desordem das nossas tendências, a filosofia cristã recorda a nossa adoção pelo Pai em Cristo, decorrente da graça que desceu torrencialmente do Calvário na Redenção. Essa filosofia nos dá a esperança de educar cidadãos perfeitos, se os convencermos do grande papel da cooperação da sua vontade com a graça que o Cristo veio restaurar para os pobres filhos de Adão.

Sabemos que "a natureza não dá saltos", como também não ignoramos que o sobrenatural não se opõe ao natural, antes o aperfeiçoa e o eleva. Assim, tôdas as técnicas que favorecem a cooperação ativa do educando são usadas pela pedagogia cristã.

"Hoje em dia está provado que tudo de bom nos princípios da escola ativa, já se encontrava na concepção pedagógica de Santo Tomás de Aquino."

Ninguém mais hoje discute a necessidade de se atender à psicologia infantil na obra da educação. Todos reconhecem as grandes vantagens que disso advêm. Sem um conhecimento razoável do sujeito da educação — a criança, e dos meios da educação — métodos e processos, não se pode atingir o ideal da educação. Êsse ideal para nós católicos é a formação do cristão perfeito.

"Segundo a nossa concepção integral da pedagogia, não reduzimos o seu âmbito ao plano das coisas naturais, nem restringimos a sua concepção a ser apenas uma arte empírica ou uma ciência experimental. A pedagogia é, ao mesmo tempo, arte, ciência experimental e filosofia."

São ainda do grande pensador católico — Alceu de Amoroso Lima, que vimos seguindo mais de perto, na medida da nossa capacidade individual, estas palavras que enfeixam, pode-se dizer, o ideal da pedagogia católica: "O caminho da pedagogia católica, a meu ver, deve ser justamente o estudo acurado de todos os fatos revelados pela psicologia experimental ou pelas experiências seculares do tema — à luz de uma filosofia verdadeiramente católica da vida."

Não nos podemos esquecer de que a obra da educação deve envolver a criança nos seus dons naturais e nos seus dons sobrenaturais. "Deve haver uma hierarquia crescente de formação física subordinada à intelectual e esta à moral. Tudo isto unificado pela finalidade última do homem, a qual não é um ideal abstrato, e sim um Sêr concreto, o Sêr em Si, o Deus Vivo, que se fez homem para nos salvar. A educação religiosa, portanto, é a chave de tôda a filosofia, a ciência e a arte da pedagogia."

O verdadeiro cristão, longe de renunciar às obras da vida terrena ou a diminuir as suas faculdades naturais, antes as desenvolve e aperfeiçoa, confortando-as com a vida sobrenatural."

Quais serão os frutos dessa educação que envolve tôda a personalidade humana nas manifestações da sua vida natural e da sua vida sobrenatural, conforme o ideal da filosofia cristã?

Os homens que mais plenamente realizaram em si a finalidade da educação cristã foram os santos. Demonstram-no os fatos, êles souberam viver e sentir a sua época, fazendo-se os mais úteis cidadãos à sociedade, à Pátria, e, quiçá, à humanidade.

Os santos "alcançaram, em gráu perfeitíssimo, a meta de educação cristã e a enobreceram e foram úteis à socieda-

de civil". "Efetivamente, os Santos foram, são e serão sempre, os maiores benfeitores da sociedade humana, como também os mais perfeitos modelos em tôdas as classes e profissões, em todos os estados e condições de vida, desde o camponês simples e rústico até ao homem de ciências e letras, desde o humilde artífice até o que capitanea exércitos, desde o obscuro pai de família até o monarca que governa povos e nações, desde as raparigas e mulheres simples do lar doméstico até as rainhas e imperatrizes."

Disse o Exmo. Sr. Presidente da República que o melhor indivíduo é o que melhor serve à sociedade. "O melhor cidadão é o que pode ser mais útil aos seus semelhantes e não o que mais cabedais de cultura é capaz de exibir."

Para nós, católicos, julgo que a opção já estava de antemão feita; mesmo para aqueles cuja vida contradiz a doutrina da Igreja, para êles, a educação católica é pelo menos uma questão de tradição a conservar. E é preciso que seja conservada a todo custo, mesmo com sacrifícios e renúncias.

Para os indiferentes ousamos perguntar, diante do cotejo entre os frutos da educação naturalista e dos frutos da educação antinaturalista para qual delas optará. O bom senso, desde que êle exista, traz-nos a resposta.

Se para qualquer povo seria fácil a opção, ela se faz um dever para os educadores brasileiros que se prezam das suas tradições e da sua história.

Os marcos que vieram assinalando o rumo dos nossos sertões representam o símbolo da Redenção. Católicas foram as primeiras escolas do Brasil, quando aquí era ainda uma terra inhabitável pelos perigos e desconforto que encerrava. Silenciosa e discretamente, o trabalho missionário foi plantando a cruz nos nossos sertões e a doutrina de Cristo no coração dos primeiros brasileiros. Êsses mesmos brasileiros que, movidos pelo ideal da educação recebida, souberam expulsar de nossa terra os aventureiros, que nela viam apenas uma prêsa rica e preciável. Souberam resistir heroicamente contra as doutrinas dissolventes, que visavam a quebra da nossa unidade espiritual.

Penso não exagerar dizendo que outra não deve ser a nossa atitude de educadores católicos, nesta hora em que o Brasil vai-se firmando como uma grande nação, mais do que nunca indispensável ao progresso do mundo.

Talvez tenha pensado assim o Exmo. Sr. Presidente da República, quando disse: "mas êsse esfôrço que nos empenhamos em realizar e estamos realizando, não se pode desprender das tradições e dos fatos predominantes da sua história. Havemos de engrandecer o Brasil, para sermos dignos da herança que nos legaram os nossos antepassados."

Em outra circunstância continua: "Concito-vos por isso a utilisá-la no puro e exemplar sentido apostolado cívico — infundindo amor à terra, o respeiàs tradições e a crença inabalável nos grandes destinos do Brasil."

Não vemos como melhor se poderia formar o brasileiro útil, dentro das nossas tradições essencialmente católicas do que obedecendo às diretrizes da filosofia cristã.

Mas é difícil formar êsse cristão perfeito, "senhor dos seus atos, superior aos fluxos e refluxos do interêsse e aos caprichos das paixões, que sabe querer, êste homem que diante do dever só conhece a conveniência de cumprí-lo, êste espírto estável em que é perfeita a coerência dos atos com as idéias, é um ideal muito formoso e, por isso, infelizmente, muito raro. Mas é o homem que o educador católico deve formar ."

Como é grande a nossa responsabilidade de educadoras católicas — mães professoras, diante de Deus e dos homens!

Tudo se tornará, porém, possível e até mesmo fácil, se voltarmos nossas vistas, sinceramente, para o maior educador que a humanidade jamais conheceu — Jesús Cristo. Êle é a Sabedoria Eterna e, como tal conhece todas as fraquezas e todos os mistérios da alma humana. Usava a pedagogia adequada a cada alma em particular, sempre, entreentretanto ungida daquela msericórdia que é fonte inexgotàvel o seu Coração Divino. Não nos esqueçamos da maneira pela qual tratava sempre os infelizes, os fracos, os desgraçados!

Tem sido a nossa maneira de agir

aquela que nos aconselhou e da qual nos deu exemplo?

O amor é capaz de operar maravilhas! Quantas vezes a confiança despertada na alma da criança por uma atitude maternal e sincera nos revela muito mais ignorância que maldade?

Uns olhinhos esquivos e medrosos vão-se abrindo lentamente e, lá no fundo de umas límpidas pupilas, deparamos com um espírito revoltado diante da dureza da sorte que lhe nega às vezes, as manifestações de uma alma nobre e leal à procura de atividade, impelida por uma natureza viva e dinâmica; muitas vezes, entretanto, como é triste dizê-lo! enxergamos lá as devastações de uma vida precocemente entregue à furia das paixões e até dos crimes, nas suas mais variadas e degradantes modalidades.

Pensamos que a melhor pedagogia é a do amor, aliado a uma serena firmeza, que sabe condenar o que é condenável, estimular o que é bom e mostrar prudente, e perseverantemente o caminho a seguir. Colocar a criança dentro da situação para que ela a viva, ajudando-a, encorajando-a e infundindo-lhe confiança.

Não cabe em nosso trabalho casos práticos sôbre o problema educativo, nem também um estudo especializado para resolver tais casos. Tudo isto foge propriamente ao ideal, ou melhor, são partes dessa grande realidade que é o fim da educação. Nós sabemos que há perigos e escolas de vícios em todas as classes sociais. Mesmo os recursos que deveriam estar inteiramente à disposição da bôa educação das crianças, fogem aos seus objetivos. Assim o rádio, o cinema, a imprensa, os esportes, a rua.

Já pensaram as mães e professoras em tôdas as consequências, que poderão advir, de um mau uso dessas fontes educativas? As imagens perturbadoras e inquietantes, que lhes chegam pelos olhos, pelos ouvidos, pelos sentidos enfim, através das aventuras de mau gôsto, das canções de moral duvidosa, da promiscuidade dos esportes são levadas às profundezas da conciência e terão, por certo, repercussão enorme na vida presente da criança e, seguramente, no seu futuro. E' indispensável zelarmos, cuidadosamente, pelas leituras, pelos programas de rádio, pelos esportes, pelas companhias que entreteem os nossos educandos — filhos e alunos. Êles são portadores de uma alma imortal, confiada à nossa guarda. Queiramos ou não, estamos contribuindo para o destino eterno dessas almas.

Quanto aos pais, pensarão todos êles, seriamente, na idoneidade moral e na pureza da doutrina que ensina a escola em que matriculam seus filhos?

Não podemos perder de vista que educar o cristão perfeito, é formar toda a personalidade do educando de conformidade com os preceitos da doutrina e Jesus Cristo, a qual é depositária a santa Igreja Católica. Assim, precisamos preocupar-nos com o que sente, com o que pensa, com o que quer o nosso educando. Devemos saturar-lhe a alma de princípios cristãos, afim de que êle os viva. Não nos esqueçamos de que vida cristã não é apenas uma maior ou menor soma de cultura religiosa, ou um número mais ou menos considerável de práticas de piedade.

Vida cristã é a conformação de toda a nossa vida, nos seus menores atos, com a doutrina do Evangelho de Cristo.

E' muito mais difícil fazer viver uma verdade, do que fazê-la compreender. No último caso é um trabalho apenas da inteligência, no outro tem que colaborar, eficientemente, a vontade.

Vimos de início que o homem age sempre impelido pelas idéias que dominam o seu meio. Se assim é, indispensável se torna que a criança respire uma atmosfera tôda envolvida pela doutrina católica, se queremos fazer dela um católico autêntico. As fontes de onde saem aquelas imagens indesejáveis devem, por isso mesmo, ser substituidas por outras que infundam na alma e no coração da crança as verdades que queremos que ela viva.

Estaremos nós, professoras e mães católicas, com a conciência bem tranquila a êste respeito? E' preciso que a nossa vida, aos olhos dos nossos educandos, seja uma confirmação das idéas que lhes procuramos incutir no espírito.

E' bem certo que o meio em que vivemos trabalha com todos os seus poderosos recursos na difusão e implantação das idéias materialistas e paganiza-

doras da nossa época. Essas idéias envolvem-nos de tal maneira que, às vezes, agimos de conformidade com elas, sem o sentirmos. Mas é preciso reagir, afim de que possamos irradiar, sobretudo pelo exemplo, um teor de vida verdadeiramente católica.

Falamos, insistemente em educadoras-mães e professoras. E' que à família, cabe, em primeiro lugar, o direito de educar. Ninguém lhos poderá usurpar, uma vez que, na ordem natural e na ordem social, ela precede a tôdas as outras instituições. A família, entretanto, não conta com todos os recursos para realizar integralmente a obra da educação. O Estado deve, então, vir em seu auxílio, para completar a obra educativa. O direito da família se estende durante tôda a vida do educando, no que concerne à escolha da escola que lhe garanta integridade da vida e educação religiosa.

Pelo batismo nascemos para uma sociedade sobrenatural — a Igreja de Cristo. A ela, na ordem sobrenatural, compete o direito de educar, como na ordem natural têem êsse direito a família e o Estado.

A Igreja tem sido, através dos tempos, posta em confronto com o Estado, como educadora; e vemos que ela lhe foi sempre uma poderosa auxiliar. Se cada indivíduo fosse um cidadão tal como manda sê-lo a Igreja, que ordem e que paz na vida social!

Concluimos, portanto, que em educação tambem "dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus". O Estado deve respeitar os direito da Igreja no que toca à educação moral e religiosa.

A preferência que muitas familias, mesmo indiferentes, dão aos estabelecimentos católicos, veem confirmar o valor da educação ministrada pela Igreja.

"A profundeza de espírito da Idade Média, as Universidades, por que passaram S. Tomaz de Aquino e Alberto Magno; e as ogivas do Seculo XIII são ainda lições vivas, que estão sendo dadas para sempre."

Confiantes nos desígnios da Providência, aceitemos corajosamente o trabalho da restauração cristã da nossa Pátria, que é tambem a continuidade dos seus destinos históricos. Jamais o Brasil chamou em vão pela coragem, pelo sacrifício, pelo desprendimento e pelo heroismo de suas mulheres. Temos que ser dignas continuadoras das heroinas que enobrecem as paginas imortais da nossa História. Na conservação cristã das nossas tradições, na renovação cristã da nossa vida, na afirmação cristã da nossa sociedade está uma tarefa imensa e, por isso mesmo, digna da mulher brasileira.

Ajudemos a ganhar a paz, nós que tanto temos trabalhado pela vitória desta guerra sem precedentes na história da humanidade. Comecemos, já, se ainda não o fizessemos, e por nós mesmas, sem desfalecimentos e com os olhos voltados para o Alto, que é o sentido que sempre tiveram todas as grandes realizações do Brasil católico, o que equivale a dizer, de todo o Brasil. Vamos encerrar com alguns pensamentos do leader do laicato católico do Brasil — Alceu de Amoroso Lima. Parecem-nos muito oportunos para o momento que vive o Brasil.

"Contra o orgulho e a vaidade dos mitos do nosso tempo, tenhamos a coragem invencível e a paciência dos que vivem na Alegria perfeita da renúncia. Sejam quais forem os dias de amanhã, continuem os Mitos de hoje a oprimir as conciências, formem-se novos mitos ainda mais desastrosos do que os de hoje ou triunfem os contra-mitos de modo a reaproximar os homens de Deus — a tarefa daqueles apóstolos e discipulos a quem o Cristo mandou "como cordeiros entre lobos" será sempre a mesma. Na paz, como na guerra nas civilizações baseadas em princípios justos ou errados, entre homens que confessem o Cristo ou que O repudiem, a missão da semente divina que existe em nossas almas é sempre a mesma. Porque a herança do pecado feriu de morte tôdas as almas, até a liquidação dos tempos. Mas também o Sangue do Cordeiro Divino resgatou para sempre esse pecado e permitiu todas as esperanças.

O espírito apostólico e missionário será sempre o verdadeiro espírito cristão. A luta pacifica pelo Bem e pela Verdade será sempre a expressão da nossa Fé, sejam quais forem as de-

cepções ou as vitórias alcançadas. Os mitos dos nossos dias não são apenas moinhos de vento da nossa fantasia, como não faltará quem assim os chame. São as formas que hoje assume aquele mesmo orgulho inenarrável que fez, do mais belo dos Anjos, a imagem perene do Inimigo. Combatê-los é prosseguir na campanha que começou antes do primeiro homem e só terminará quando tiver passado a figura das coisas transitórias."

BIBLIOGRAFIA

PIO XI — Da Educação Cristã da Juventude.
PE. ALVARO NEGROMONTE — Pedagogia do Catecismo.
ALCEU DE AMOROSO LIMA — Elementos de Ação Catolica.
ALCEU DE AMOROSO LIMA — Pela Ação Catolica.
ALCEU DE AMOROSO LIMA — Mitos do Nosso Tempo.
ALCEU DE AMOROSO LIMA — Debates Pedagógicos.
PE. LEONEL FRANCA — A crise do Mundo Moderno.
COHAUSZ, S. J. — O Mestre te ensinará.
ORLANDO CARNEIRO — Fins e Meios da Educação — (A Ordem de Outubro de 1940).
J. REZENDE REIS — O direito dos pais na educação — (A Ordem de Dezembro de 1939).
TEOBALDO DE MIRANDA SANTOS — A Pedagogia e a Filosofia — (A Ordem de Janeiro de 1940).
LEONARDO VAN ACKER — A Encíclica "Divini illius Magistri" e a educação Humana — (Ordem de Janeiro de 1940).
ORLANDO LEAL CARNEIRO — A Educação, a Família e a Igreja — (Ordem de Abril de 1942).

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza da pele, Manicure, penteados e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interesse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1.075 —:— TELEFONE, 2-1969

Estudos sôbre a criança de Jardins da Infancia e seus interêsses

JOGOS E LIVROS PREFERIDOS

Drª. BETTI KATZENSTEIN
Departamento de Psicologia Infantil da Cruzada Pró Infancia de S. Paulo

I

INTRODUÇÃO

a) *São Paulo-Belo Horizonte*

Os dois estudos a serem apresentados em seguida, têm uma relação íntima com o trabalho educacional mineiro que conhecemos e admiramos.

Falamos sôbre o nosso estudo "JOGOS PREFERIDOS", numa reunião no Instituto Pestalozzi, em Julho dêste ano, e a troca de idéias nos enriqueceu. Levamos duma visita ao Jardim de Infância "Delfim Moreira", uma idéia nova sôbre um catálogo apropriado para uma biblioteca Infantil no Jardim de Infância. A realização desta se espalha no estudo de LIVROS PREFERIDOS. O "Educando" que nos convida a uma contribuição, representa o terceiro elo visível de cooperação entre o nosso Departamento e o trabalho educacional de Belo Horizonte, no terreno da psicologia infantil que agradecemos profundamente.

b) *Apresentação do Departamento de Psicologia Infantil da Cruzada Pró Infância de São Paulo.* (*)

A Cruzada Pró Infância, Instituição de assistência à mãe e à criança, que combate a mortalidade infantil, possue em vários bairros da capital, Centros que mantêm serviços de Higiene Pré-Natal, Higiene Infantil, Higiene Pré-Escolar, Exame Médico Geral, etc. Em 5 dos mais distantes bairros, foram fundados Jardins de Infância, em fase da necessidade que têm as mães em abrigar seus filhos enquanto trabalham. Recebem estes, assistência médico-sanitária; educativa; alimentação adequada. A luta devido ao pouco espaço e ao escasso número de funcionários, não podia impedir a fundação de novos Jardins se a necessidade do meio social o exigiu. Atualmente, existem seis Jardins, com, mais ou menos, 210 crianças matriculadas.

A coordenação do trabalho psicológico educacional faz-se através do Departamento de Psicologia Infantil:

Reuniões na Sede da Cruzada, de todas as colaboradoras; trabalhos pela psicóloga nos diversos Centros, estudos individuais, feitos a pedido das Jardineiras ou de Pediatra; estudos coletivos sôbre os problemas psicológicos mais diferentes; exposição dos desenhos colecionados, etc. constituem o programa e vida do Departamento.

Os dois estudos a apresentar em seguida, apesar de uma ou outra Jardineira se ter empenhado mais, são resultado de trabalho e discussão por todas as Jardineiras da Cruzada e falam da existência do Departamento de Psicologia Infantil da Cruzada Pró Infância de São Paulo, às pessôas que se dedicam à educação, em Minas.

(*) Entidade dirigida por D. Perola E. Byington.

II

O JÔGO PREFERIDO

a) *Uma experiência*

Feita nos jardins dirigidos pelas jardineiras: Heloisa R. M. Faria, Maria Leonor Camargo Guarniéri, Fulvia de Castro Moreira e Catarina Silberschmidt

Um dia antes das crianças irem para os armários e as mesas, para tirar o que queriam para brincar, durante o tempo da atividade livre, 4 jardineiras em 4 jardins diferentes, propuseram um novo jôgo às crianças reunidas; disse a Jardineira:

— "O novo jôgo é assim: cada um de vocês vai pensar baixinho, sem falar a ninguém, qual é o brinquedo que gosta mais de brincar no Jardim, o que gosta mais de fazer, quando vem ao Jardim da Infância: se desenhar, se bordar, se brincar de casinha, se brincar com os joguinhos de armário (**) se cortar, se brincar com massa, se brincar com bola..."

— "Mas pensem bem, "continuei, "porque quando eu perguntar, vocês terão que me dar a resposta. E não contem uns aos outros o que pensarem, porque senão o jôgo sai errado".

Expliquei-lhes novamente, com as mesmas palavras, o que queria, mostrando, apontando para os diversos brinquedos da sala, pedindo-lhes finalmente, que começassem a pensar, *sem falar*.

O silêncio foi absoluto, tendo eu notado que as crianças me haviam entendido e se esforçavam por me dar uma resposta.

Passados 2 ou 3 minutos, sem que uma vez sequer o silêncio diminuisse, avisei-lhes:

— "Agora, pronto. Eu vou começar a chamar cada um de vocês para me dizer, muito baixinho, para que os outros não escutem, *com o que vocês gostam mais de brincar no Jardim*. Mas olhem lá, não contem aos outros o que me disserem, para o jôgo dar certo. Voltem caladinhos para o lugar, e guardem segrêdo. Eu vou tomar nota do que vocês me dizem, para depois não esquecer. Vamos começar".

Chamei então um por um, a começar dos maiores, a um canto da sala onde os outros não pudessem ouvir as respostas dadas".

As crianças gostaram do jôgo que, para elas, significou uma coisa *real* — imaginavam que logo depois podiam correr para "seu jôgo preferido", pegá-lo e... brincar. Foram 138 crianças entre 4 e 7 anos, das quais 75 foram do sexo masculino e 63 do sexo feminino que estiveram presentes, nos 4 jardins.

b) *Classificação das respostas*

Foram 22 jogos diferentes que as crianças nomearam. As pessoas que já uma vez tentaram classificar atividades lúdicas, sabem quanto difícil é chegar a uma classificação final. A nossa classificação dará oportunidade de criticá-la, porém, oferecendo sob títulos gerais a citação tal qual a criança a deu, será fácil fazer outras classificações,

---

(**) Os jogos a que nos referimos se encontram no armário e as crianças têm liberdade de escolhê-los nas horas le atividade livre.

mais convenientes à concepção de alguns leitores. Apresentamos por isso, em seguida, uma tabela completa:

"BRINQUEDOS PREFERIDOS POR NOSSAS CRIANÇAS NOS JARDINS DA INFANCIA"

Inquérito em 4 jardins com 138 crianças presentes (75 meninos e 63 meninas)

BRINQUEDO PREFERIDO	MASCULINO	sub-total	FEMININO	sub-total	TOTAL
1) *Trabalhos manuais e de construção*					
Bordado	1		10		11
Marcenaria	13		—		1
Recorte	6		—		13
Tecelagem	2		1		7
Areia	—	38	—	23	2
Blocos de construção	7		3		3
Modelagem	8		7		15
2) *Desenho*	1		6		7
3) *Jogos de fixão*					
Casinha	1		20		21
Carrinho	4	5	—	20	4
4) *Jogos de movimento*					
Bola	11		—		11
Boliche	4		—		4
Corda	4	20	2	3	2
Jardinagem	5		1		6
5) *Jogos sociais (de mesa)*					
Dominó	1		1		2
Loto	1		1		2
Upá-upa	—		1		1
Gato-preto	—		2		2
6) *Atividades de aprendizagem*					
Feixinho de lenha (contar e amarrar)	2		2		4
Vidrinhos de côres (comparação)	2		9	3	5
Procurar casinha	5		1		6
Totais:	75		63		138

c) *Resultados* . . . . . .

O tipo de jôgo preferido pelo máximo número de crianças é o de trabalhos manuais e de construção. Ajuntando a atividade de desenho, êste tipo de jôgo foi preferido por 68,50 por cento de crianças, o que indica que a sua prática corresponde às necessidades da fase de vida de jardim da infância, enquanto os jogos de mesa existentes no Jardim, só foram escolhidos por 7 crianças e mesmo nestes casos foi observado que algumas das crianças jogaram sózinhas, ou em duas, mas paralelamente. Não oferecem estes jogos à criança do Jardim o que precisa, ou dito de outro modo, a criança não está pronta para conceber e realizar o sentido intrínseco mas dá-lhe carater que corresponde à sua idade.

A diferença nas preferências pelos dois sexos é revelada pelos jogos de movimento. Vinte meninos e sómente três meninas, o preferem. Bola e boliche são exclusivamente escolhidos pelas crianças do sexo masculino. As meninas também têm o "seu jogo" preferido. — O jôgo "casinha" quer dizer brincar de boneca, brincar com moveizinhos; nesta atividade lúdica se resgitram 20 meninas. Há tipos de atividade lúdica que têm "partidários" dos dois sexos, p. ex. o tipo "Trabalhos manuais e de construção" foi escolhido por 43 % do total de meninas e 52 % do total de meninos apesar de ser

dentro deste tipo, o bordado escolhido quasi só por meninas, e a marcenaria exclusivamente por meninos.

d) *Sugestões práticas para mães e outros educadores*

Apesar de ser o número de crianças, no qual se baseiam as nossas observações, limitado, permite apresentar certas sugestões gerais, visto que as 138 crianças de nossa experiência, são de bairros bem diferentes da Capital de São Paulo.

1.º — Qualquer lar ou Jardim da Infância, pequeno que seja, deve ter à disposição das crianças em idade de Jardim, bastante material, não dispendioso na compra, mas valioso no aproveitamento, como: papel, impresso ou não, para desenhos, recortes e tecelagem; blocos de construção, plastilina e fazendas para bordado. Estes materiais, que servem para pratirar habilidades manuais e de construção, são queridos pelas crianças e experimentados e manejados, são indispensáveis ao seu desenvolvimento.

2.º — Pode-se levar em consideração que certas diferenças nos gostos das crianças, se destacam cedo: o menino quer a bola e a serra; a menina a boneca e o bordado, enquanto que existem outras atividades igualmente queridas pelas crianças dos dois sexos, como por exemplo, a modelagem.

3.º — Certas atividades não se deviam introduzir muito cedo, porque a criança não sabe compreender e realizar o sentindo inerente, do jôgo, assim: os jogos de mesa não são em geral, apropriados para crianças de Jardins da Infância, e deviam sómente ser usados mediante a comparticipação do adulto.

4.º — Seria bom antes de fazer presentes a um grupo de crianças na idade de Jardim, ou antes de instalar um Jardim, observar seus gostos, para escolher o brinquedo que apreciam, de acôrdo com o seu nível de desenvolvimento.

III

O LIVRO PREFERIDO

a) *Instalação de bibliotecas nos Jardins de Infância*

A criança, desde a mais tenra idade, não quer sómente ouvir, ter contado ou lido histórias, quer também "pegar nos livros, ver as suas figuras, folhear as suas páginas", de modo que a instalação de uma biblioteca nos Jardins da Infância deve satisfazer às crianças e acompanhada por uma educação compreesível, garantir êxito.

A escassez de livros apropriados para crianças entre 4 e 7 anos, é fato conhecido de todos os educadores. Por êsse motivo a Cruzada ao instalar bibliotecas nos seus 6 Jardins, no decorrer dêste ano, se iniciou sómente com 12 livros — todos ilustrados e 10 com textos acompanhados de figuras.

São estes os livros da Biblioteca Infantil da Cruzada Pró Infância:

Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Sonho de Marina, Jóca, Patinho Feio, Elefante Bolinha, Mickey em Apuros, Os três Porquinhos, ABC de João e Maria, Pequena Taboada de João e Maria, Dias de festa e Anões Alegres.

Na inauguração da biblioteca, observou-se indescritivel alegria que continuou, refletindo-se através da procura dos livros e dos desenhos, relacionados com o assunto dos mesmos.

b) *Duas experiências*

Feitas nos Jardins dirigidos pelas jardineiras Fulvia de Castro Moreira e Maria Leonor Camargo Guarnieri.

Observando as atitudes das crianças para com os livros, surgiu uma porção de problemas: há livros preferidos, quais são, porque a criança prefere tais livros, o que é que gosta mais neles, etc. Entre os muitos problemas, escolhemos para nossos estudos, primeiramente, aquele de preferência (1) e apresentaremos

(1) Um estudo sôbre a influência da biblioteca nos desenhos está em preparação.

em seguida, o material colhido e os resultados a que nos levou.

1 — *Livro de preferência*

Colocados os 12 livros que as crianças conheceram, sôbre uma mesa, os livrinhos iam recebendo a apreciação de cada criança, longe das demais e interrogada pela jardineira: "Qual o livro que você gosta mais? Porque?" Foram participantes 34 crianças, sendo 21 do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

A atitude das crianças foi uma só: era a prontidão para dizer alguma coisa dos livrinhos. Repetida a experiência usando o mesmo processo, uma semana depois, verificou-se o seguinte resultdo:

E' interessante observar, que um grande número de crianças, apresenta uma opinião bem formada pois já se havia passado uma semana entre o primeiro e o segundo inquérito e, no entanto, não variaram em maior número de crianças, as respostas e nem mesmo os motivos dados pela preferência. Vinte e quatro das 34 crianças, nomeiam o mesmo livro, como o preferido.

Parece sofrer este fenômeno, certa influência pela idade e pelo sexo. Enquanto 3 crianças de 5 anos, fazem escolha idênticas, 6 não o fazem; porém, nas crianças de 6, encontramos 14 com escolha idêntica e 1 só com escolha diferente. Também o sexo parece ter produzido alguma influência nesse fenômeno. Das 21 crianças masculinas, interrogadas, só 5 deram respostas diferentes, nas duas experiências; de 13 do sexo feminino, também foram 5 as que deram respostas diferentes.

O Patinho Feio, foi o livro preferido tanto no primeiro como no segundo inquérito. E' a história dum Patinho Feio e desejaietado, abandonado por sua mãe que a procura de uma nova mãe, encontra a Sra. Cisne, que o acolhe com bondade.

O motivo de preferência pelo Patinho Feio, foi dado pela maioria como sendo o mais engraçado, outras disseram que gostaram da história dele, ou porque era peralta, porque era danado e, houve uma criança que achou muito interessante o Patinho Feio, quando caiu na lama. (2) Essa mesma criança, alguns dias depois contando essa história por meio de desenhos, fez o Patinho Feio caindo na lama.

O Patinho Feio foi escolhido por 14 crianças no 1.º e 12 no 2.º inquérito enquanto o que seguia Elefante Bolinha, tinha 5 votos e 9 respectivamente, os outros variaram entre 0 e 5, de modo que se pode dizer: encontramos uma preferência bem determinada nas crianças para certo livro; a preferência se torna mais firme, mais perseverante, com a idade crescente; há crianças de Jardim que sabem dar motivos para esta sua preferência.

2 — *Escolha pelo catálogo mineiro*

Para desenvolver cedo na criança, certas atitudes, para com o livro adotamos o catálogo mineiro usado no Jardim da Infância "Delfim Moreira" de Belo Horizonte, que consta de dois cartazes onde estão desenhados figuras que representam as capas dos livros existentes no Jardim. Atrás de cada figura há um espaço onde a criança pode por um cartão com seu nome, indicar que escolheu aquele livro para sua "leitura".

A escolha de um livro segundo êste catálogo, foi observado quando se instalou a biblioteca, um dos Jardins e anotado quais os livros, as crianças escolheram segundo a sugestão de sua capa.

Repetiu-se a experiência no dia seguinte. As crianças foram chamadas isoladamente ao local onde estavam dependurados os cartazes em que se viam gravuras que represen-

---

(2) O gôsto pela peraltagem de uma heroina, se encontra também em crianças mais velhas, assim o revelou um estudo dos motivos para a preferência de "Maria João" do livro "Mulherzinhas" feito entre meninas de 10 a 14 anos de idade.

tavam as capas dos livros, e, fizemos de novo a seguinte pergunta:

— "Qual desses livros você gosta mais de ter?"

A seguir, anotávamos o nome da criança, escolha e atitude da mesma.

Algumas crianças *apontavam imediatamente* uma das gravuras, sem examinar sequer as outras. Outras observavam *apenas um dos quadros* e faziam a sua escolha. Umas crianças *olhavam ràpidamente os dois quadros* e decidiam-se na escolha. Um número muito pequeno, *comparou* detidamente os dois quadros e depois de algum tempo de observação, resolveu-se.

Revelou esta observação que a faculdade de comparação parece pouco desenvolvida nas crianças de 4 e 7 anos.

O número de crianças presentes nessa experiência, foi de 25 — Dessas, 9 escolheram livros idênticos no 1.º e no 2.º dia e 16 diferentes. A tabela seguinte, mostra como cresce entre 4 e 6 anos, a perseverança na escolha.

ESCOLHA

Anos	Diferentes	Idênticas
	N.º de crianças	
4	5	1
5	5	2
6	4	5

Já observamos o mesmo fenômeno na experiência em outro Jardim, acima relatado.

O livro escolhido, segundo a sua capa, pelo maior número de crianças, foi Jóca — figura de 3 coelhinhos em trajes humanos, sentados à mesa, comendo, bebendo como pessôas — com 5 votos no primeiro dia e Patinho Feio com 7 votos no segundo dia — Figura na capa de um patinho boquiaberto, olhando travessamente.

Este resultado se torna mais interessante, depois de saber que foi êste o livro preferido pelas crianças, que não só olharam pela capa mas também o conheceram.

c) *Sugestões práticas para mãe e outros educadores*

Resultam de nossas observações em 59 crianças de dois Jardins de Infância, as seguintes sugestões:

1.º — Uma capa sugestiva, tomando em consideração o psiquismo infantil, possibilita a criança de escolher mesmo sem fazer observações demoradas ou comparativas o "seu livro preferido".

2.º — A preferência por um certo livro é mais instável na criança de 4 a 5 anos, e torna-se mais firme em geral depois desta idade.

3.º — A criança entre 4 e 7 anos, parece preferir dentre livros de gravuras, aqueles que representam histórias de animais conhecidos e humanizados.

4.º — Entre as histórias desses animais, preferem aquelas que tratam de bichinhos peraltas e desobedientes.

São Paulo, 1 de dezembro de 1942.

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

Respiração propriamente dita

Henrique Marques LISBOA

Continuando o estudo do parágrafo 5 do "Programa em Experiência", aproveitarei, *mutatis mutandis*, uma lição do Curso Pré-médico sôbre RESPIRAÇÃO. Êsse assunto, no "Programa" referido, foi destinado aos meses de fevereiro e março do 4.º ano.

De início é preciso que se diga que a respiração pode ser encarada sob dois aspectos:

1.º o APARENTE, que em certos casos o povo pode apreciar, e

2.º o OCULTO, sendo que êste é o essencial, é o indispensável. E' êsse portanto o que merece o nome de *Respiração propriamente dita*.

DEFINIÇÃO — A definição que proponho para a respiração essencial pode ser desdobrada em 4 partes, que enuncio da forma seguinte:

a) respiração é um fenômeno que se realiza nos TECIDOS;
b) quando o OXIGÊNIO DESTRÓI um corpo orgânico;
c) que ao ser destruído, liberta a ENERGIA SOLAR aprisionada, e
d) a energia então LIBERTADA, permitirá TRABALHO.

Isso não é, entretanto, o que vulgarmente se chama respiração, pois o povo só percebe a respiração externa (desde que ela exista) e não sabe que a respiração vai realmente ser promovida pelo oxigênio quando êste chegar à intimidade dos tecidos. Aí exercerá papel menos escandaloso do que o promovido nas fornalhas das máquinas, mas semelhantemente irá dar possibilidade de trabalho.

Que faremos para levar uma criança a compreender essas coisas?

Desdobremos os tópicos da definição, começando pelo último, pois o fim real da respiração é LIBERTAR energia para o TRABALHO.

APRISIONAMENTO DE ENERGIA — O primeiro exemplo de *aprisionamento* de uma *fôrça* pode ser o de levantarmos do chão um corpo bem pesado, colocando-o sôbre um suporte qualquer: êsse corpo guarda o esfôrço que empregamos em suspendê-lo, pois se o empurrarmos para fora das bordas do suporte, êle cairá produzindo fôrça igual à que foi empregada para suspendê-lo.

Não creio que êsse simples exemplo de CONSERVAÇÃO DE ENERGIA seja muito evidente para crianças e tenho mais confiança no exemplo da mola de aço de um relógio de parede.

Na corda de tal relógio, a ENERGIA que é usada para o enrolamento da mola de aço, fica presa, fica em *estado potencial*. E', em seguida, quando lançamos o pêndulo em *vai e vem*, que êsse permitirá pequenos escapamentos dos dentes de uma roda e assim pequenas libertações da fôrça, que foi empregada para o enrolamento. No relógio são dois os trabalhos que a mola tem de efetuar: conservar a aceleração do pêndulo e fazer girar (em arrancos disfarçados) todas as rodas entrosadas no maquinismo.

Essa energia que está presa na corda do relógio, quer seja de aço, quer em corda enrolada e puxada por pesos); está guardada aí, constituindo uma variedade de ENERGIA POTENCIAL — (fig. 1).

Um aluno inteligente quererá saber onde poderiam ficar, nos organismos vivos, coisas parecidas com as molas de relógio que aprisionam energia.

Vimos no artigo anterior como se figurou uma roda de moinho, girando à custa dos embates da ENERGIA SOLAR e assim arrancando o carbono (— C —) que faz parte do gás carbônico (CO^2). Vimos que 6 arrancamentos dêsses, quando ligados a 6 (H^2O) formavam *glicose* que poderemos querer comparar à mola de aço do relógio. A mola (Fig. 1) guarda o esfôrço do homem que dá corda, o grãozinho de açucar guarda o esfôrço dos raios solares que promovem a sua fabricação.

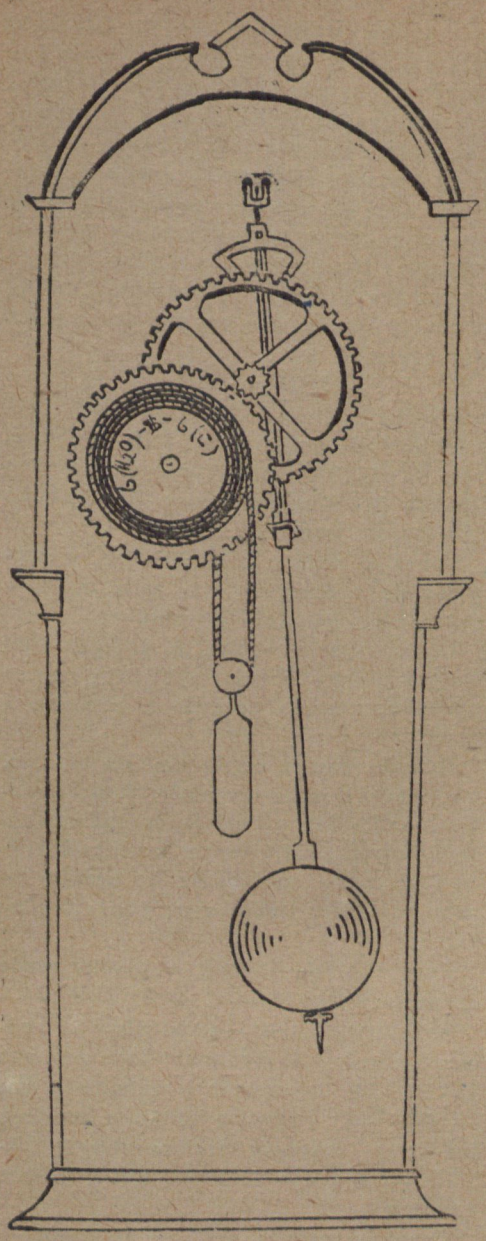

Fig. 1

Sabemos que a glicose se transforma em outros açúcares e em farinhas, óleos e madeiras; isso nos interessa aqui, porque todos êles conservam aprisionadas a energia solar que promoveu sua fabricação.

III

MATÉRIA ORGANICA, PRISÃO DE ENERGIA — Para explicar que a glicose, os óleos e mesmo a lenha e os carvões são fontes de energia prisioneira, basta lembrar o caso das locomotivas, dos automóveis de gasogênio ou mesmo os de gasolina e óleo crú, pois em todos êles foi o trabalho dos vegetais que prendeu a energia dos raios solares. Já se sabe que considero como teoria: *as explicações dos fenômenos empíricos* e assim, quero promover uma teoria, isto é, uma explicação, embora simplesmente esquemática, para o aprisionamento da energia solar na matéria orgânica.

Para isso preciso de organizar uma fórmula simplista para o açúcar de uva, buscando para tal fórmula, um símbolo extranho à química: um SímBOLO de COMBINAÇÃO ORGANICA, ou símbolo de *energia solar aprisionada*.

Os químicos representam a água — H^2O — e o carbono — C —. Como se poderia representar o açucar de uva, sabendo que é formado de água (H^2O) e de carbono (— C —)?

Poder-se-ia querer que essa combinação de água e carbono (hidrato de carbono) fosse simplesmente:

— H^2OC —

mas, ainda que lhe intercalássemos um cifrão ($) como sinal de combinação orgânica (H^2O — $ — C)
isso se pareceria mais com FORMOL do que com açúcar de uva.

Que falta então?

Quando, no artigo anterior, figurei — SEIS — pás — na roda verde, movimentada pelos raios solares, em sua carreira helicoidal, não escolhi um número qualquer. SEIS são as unidades, que no trabalho clorofiliano (6 moléculas de FORMOL) seriam necessárias para formar uma molécula de açúcar de uva (a nossa mola de relógio).

Falta então multiplicar por 6 ambos os membros da ligação e assim terei para o nosso esquema:

6 (H^2O) $ (6 C)

As vantagens explicativas dessa fórmula veremos depois, quero primeiramente dizer porque escolhi o cifrão para indicar a ligação do carbono com a água.

Durante muitos anos era uso meu empregar o símbolo de ENERGINA ligando a *água* ao *Carbono*, mas, depois de ter sido êle estragado pelo nazismo fui forçado a procurar um substituto. Entre vários símbolos tentados preferi o

cifrão — - — que representa dinheiro, pois o dinheiro é: UM ATESTADO DE TRABALHO; atesta que o seu portador trabalhou ou que alguém o fez por êle. Ora, é exatamente disso que se precisa nessa fórmula. Se o portador da matéria orgânica (glicose por ex.) é um vegetal, atesta que o vegetal portador trabalhou à luz do sol; se for porém um animal, êle atestará que um vegetal verde trabalhou para o animal, construindo matéria orgânica, que o animal é incapaz de fabricar desde o início.

Êsse símbolo, entre a *água* e o *carbono* figura também a ENERGIA SOLAR que ficou prendendo êsses dois elementos, mas que, assim como um imam prende uma barra de ferro e nela fica preso, assim também a energia solar segurando dois prisioneiros, os prendeu mas se prendeu a si mesma.

IV

MENINO CAPINADOR — Para explicarmos agora a uma criança como a respiração pode ser o únco meio de que dispõem os animais para arranjar a FÔRÇA de que precisam para qualquer trabalho, façamos com que ela imagine um garoto capinando a terra para fazer o seu canteirinho na *Horta escolar*.

Não serão os raios solares diretos que lhe permitirão levantar e abaixar o instrumento de capinação, perguntemos então à criança onde o capinador irá buscar a FÔRÇA de que precisa para movimentar os seus *músculos levantadores* e *abaixadores* da enxadinha?

O menino não poderá responder, pois ainda não sabe, e a pergunta terá servido para despertar-lhe a atenção; para lhe darmos uma pista, façamos outra pergunta: Que acontecerá se o menino se puser a capinar muito depressa?

A resposta a esta pergunta tem de ser que: *o menino ficará* OFEGANTE. Isso é um sinal de que a RESPIRAÇÃO é um recurso usado pelo menino, para conseguir energia ou fôrça para os seus trabalhos musculares, suas corridas e outros brinquedos.

Só a planta verde pode trabalhar aproveitando a energia solar, assim como o moinho dágua trabalha aproveitando a corrente dágua; os animais não têm clorofila, não possuem a roda de moinho fabricadora de açúcar, isto é, não podem aproveitar energia DIRETAMENTE. Êles têm de possuir coisas parecidas com as molas de aço do relógio que guarda corda, para ir trabalhando, mesmo quando falta o braço do homem torcedor dão mola. Assim, o capinador terá de arranjar muitas molas de aço, com corda, para colocá-las em seus músculos levantadores e abaixadores da enxadinha e essas pequeninas *molas*, como já vimos, são os pequinos grãos de açúcar de uva:

— $6(H^2O)$ - $(6C)$ —

nos quais a lâmina de aço enrolada está representada pelo cifrão — $ —, isto é, pela ENERGIA SOLAR que se prendeu quando prendia um pouco do carbono (C) em um pouco de água (H^2O).

Como se dará a LIBERTAÇÃO nesses grãos de açúcar, em que falta o vai e vem de um pêndulo libertador?

Como é que a respiração (ofegante ou calma) poderá libertar a FÔRÇA que se prendeu, quando prendia o *carbono* à *água?*

Quando damos corda em um relógio, enrolamos a mola em um sentido, quando a mola faz o relógio trabalhar, ela se desenrola, ela gira em sentido inverso. Em nossa molazinha de açúcar temos que fazer também uma marcha inversa.

Para fabricar açúcar a planta verde arrancou carbono — C — do — CO^2 — para conseguirmos desmanchar o açúcar, teremos de arrancar êsse carbono (— C —) do açúcar e integrá-lo em — CO^2 —. Façamos então a criança juntar o oxigênio da respiração — (O^2) — à nossa fórmula, a ver o que aparece.

Como há nele — 6 C —, juntemos — $6O^2$ — e assim teremos reunidos provisóriamente:

$$6\ (H^2O)\ \$\ (6\ C)\ldots\ 6\ O^2$$

Se um aquecimento preliminar, como acontece com a lenha e o carvão, ou se um CATALIZADOR provocar a UNIÃO de — 6 C — com os — 6 O^2 — teremos — 6 CO^2 — (gás carbônico) e a fórmula simplista ficará quebrada, a PRISÃO FICARA' ABERTA:

$$6\ (H^2O)\ \$\ldots$$

e assim, não só a energia (— $ —) co-

mo tambem a água (— H^2O —) ficarão livres, ficarão desligados.

Essa energia desligada permitirá trabalho e a água, tambem desligada, sairá pelo suor, pela expiração, etc. Para mostrar que a água sai pela expiração, podemos fazer a criança bafejar sôbre um espelho ou outra sperfície polida. Quanto ao gás carbônico, a criança já sabe que sai com o ar qe expiramos.

V

EXPERIÊNCIAS — No artigo anterior lembrei que as cozinheiras e engomadeiras, quando abanam as brasas do fogão ou do ferro de engomar, procuram fazer passar sôbre elas o *Oxigênio* do ar, para avivá-las; mas, se o carvão não tiver um inicio de combustão, o *Oxigênio* do ar não terá ação, não o queimará, não libertará *energia calorifica*. Vimos, porém, que iniciada a combustão, o calor irá sendo libertado e que para prosseguir só será necessário que *oxigênio* não falte. Faltando, como faltou na vela colocada sob o copo emborcado, a chama se apagará.

Não podemos fazer experiências de combustões iniciadas por *Catalizadores*, mas podemos imitar a experiência da vela sob o copo emborcado, para mostrar que é também o ar com *oxigênio* que permite a vida de um rato ou de um passarinho colocados em espaço confinado.

1.° Tomemos um grande vidro de bôca bastante larga e o emborquemos sôbre o animalzinho, marcando em relógio com ponteiros de segundos, o momento exato em que o vidro ficar herméticamente fechado. Nos primeiros instantes o animal nada apresentará de anormal, mas, decorrido cêrca de cinco minutos, conforme o volume de ar do vidro, o animal ficará murcho a princípio, e depois aflito, agitado. Marquemos no relógio êsse tempo da aflição estrema e não prolonguemos demais a experiência, pois, pelo menos, precisaremos do animal ainda vivo para a segunda parte da experiência.

2.° Procuremos uma planta verde, plantada em um vaso pequeno, ou em lata que possa atravessar a bôca larga de vidro e caber dentro dele e levemos o vidro, a planta verde e o animalzinho, para uma janela bem iluminada. Emborquemos o vidro sôbre a planta verde e o animal, de modo a vedar a entrada do ar e marquemos em um relógio o tempo exato do fechamento. Si a planta tiver folhas verdes abundantes e si fôr de vegetação rápida o animal sentir-se-á perfeitamente bem durante um tempo enorme.

Em todo caso, mesmo que a planta não seja de grande trabalho ativo, ela sempre prenderá um pouco de carbono (— C —) do — CO^2 — e libertará suficiente — O^2 — (Oxigênio) para retardar muito o periodo de grande aflição do animal.

Podemos pedir então às crianças que figurem um jôgo de bolas em que o animal em sua expiração joga — CO^2 — para a planta; essa retira o — C —, como se fosse uma casca, e joga o caroço (— O^2 —) para o animal e assim sucessivamente, podendo-se dar para titulo dêsse brinquedo: "Si cet'histoire vous embêtte nous allons la recommencer..."

VI

PERCURSO DO OXIGÊNIO — A criança compreenderá êsse papel do Oxigênio, isto é, compreenderá a sua entrada para os pulmões, mas dificilmente poderá imaginar como êsse gás precioso irá chegar até os músculos do menino, com o fim de queimar o açúcar de uva, fornecedor de energia para a capinação.

Podemos dizer-lhes que os pulmões se parecem um pouco com os cachos de uva, quando são transportados dentro dos caixotes com serragem. A primeira diferença está em que as uvinhas microscópicas dos pulmões (os ALVÉOLOS) são ocas e que os cabos e galhos que as seguram são tambem ocos. O ar para entrar nos alvéolos tem de passar dentro dêsses galhos (BRÔNQUIOS) e cabinhos ocos (BRONQUIOLOS).

O capinador quando faz ginástica respiratória, ou quando está ofegante, amplia muito a sua caixa toráxica, e com isso, êle permite que o ar possa ser aspirado pela traquéia, brônquios, bronquíolos e que penetre nos alvéolos (as nossas uvinhas ocas).

O ar entra bastante rico em *Oxigênio* e relativamente pobre em — CO^2 — mas, quando em seguida, as uvinhas murcharam um pouco, êle será expeli-

do, menos rico em *Oxigênio* e mais carregado de gás carbônico.

Isso tudo estará muito bem compreendido, mas não informa a criança como o *Oxigênio* irá chegar aos músculos, para que êsses músculos respirem, isto é, queimem açúcar.

Voltemos às uvinhas dentro da caixa com serragem, que forneceria melhor comparação com a caixa toráxica dos animais, se ela se espandisse (inspiração) e se encolhesse (expiração).

Por fora das uvas, no caixote há uma serragem de ENCHIMENTO; por fora dos alvéolos pulmonares há um tecido conjuntivo de enchimento, capilares e *vasos sanguíneos*. Dentro dos capilares e vasos sanguíneos há um líquido (plasma sanguíneo e uns discos, chamados *glóbulos vermelhos*. O Oxigênio de dentro dos alvéolos atravessa-lhes um pouco as paredes, vai se fixar nesses glóbulos e no plasma, que correm pelo lado de fora do alvéolo.

Agora, sim, compreende-se bem que o Oxigênio no sangue, que é circulante, circulará indo para todos os recantos do organismo, inclusive os músculos do menino capinador.

VII

PERCURSO DO COMBUSTÍVEL — Resta à criança compreender como o menino capinador não tendo comido açúcar de uva, irá poder queimar êsse açúcar em seus músculos.

Digamos à criança estudiosa, que imagine o menino comendo pela manhã, um bom pedaço de pão(feito de farinha de trigo ou de centeio; ou, se a criança preferir, faça-o saborear biscoitos de araruta ou de outras farinhas, ou mesmo broas de milho. Qualquer que seja a farinha e o açúcar qe entre na composição do pão, biscoito, broa e mesmo bolos e mingáus, todas elas descerão da bôca para o estômago e daí para o princípio do intestino delgado (DUODENO). Logo na primeira curva do intestino delgado, no duodeno, um líquido especial, jorrado pelo pâncreas (suco pancreático) começará a transformar essas farinhas e açúcares (hidratos de carbono) em glicose, isto é, em açúcar de uva.

O menino não precisa, portanto, de comer açúcar de uva para possuí-lo em seus músculos, basta-lhe para isso comer o *pão quotidiano*.

Para explicar como a glicose formada no intestino pode chegar até os músculos do menino, lembremo-nos das uvas na *serragem de enchimento*. No exterior do intestino há também um tecido conjuntivo de enchimento (de tipo especial) como vasos sanguíneos. Assim o açúcar de uva formado no interior do intestino, atravessa-lhe as paredes e atinge a região dos vasos sanguíneos. Chegando ao sangue, circula com êle por todo o organismo, para ser o combustível, que permitirá TRABALHO, onde fôr queimado, mesmo que se trate de trabalho cerebral.

A criança estranhará que nos músculos do capinador e no cérebro dos pensadores não haja sensações de queimaduras.

E' que o nosso açúcar não se queima de modo violento, com braseiros e labaredas, como nas locomotivas; a combustão nos organismos vivos é uma combinação calma, promovida por CATALIZADORES e, justamente por não ser fácil de explicá-lo, foi que imaginei a fórmula infantil — 6 (H^2O) $ (6C) — em que podemos figurar graficamente a combinação de (6C) com (6 O^2) e onde vemos que, além dos símbolos — H, O e C —, aparece um de muito maior valor para o fisiologista.

VIII

CONCLUSÃO — Creio que percorremos todas as quatro etapas da definição proposta, embora em sentido inverso:

A respiração LIBERTA, como nas locomotivas, uma fôrça capaz de permitir TRABALHO e essa fôrça libertada, como nas locomotivas, é a ENERGIA SOLAR, que fica APRISIONADA pela planta verde, quando fabrica açúcar de uva. Na respiração é o OXIGÊNIO o elemento arrancador de uma das paredes do cárcere prendedor da energia e, finalmente, tudo isso se realiza na intimidade dos tecidos, quando em trabalho.

Não é entretanto a êsse fenômeno íntimo, que o povo dá o nome de respiração; para a linguagem corrente, a palavra respiração corresponde ao que se pode chamar RESPIRAÇÃO EXTERNA. Essa, quando existe, pode se apresentar sob uma meia duzia de aspectos:

a) Nas *rãs* é possível a passagem do Oxigênio através de sua pele fina e sempre úmida. E' sabido que o CURARE mata as aves e os mamíferos, porque, paralizando os músculos vermelhos, impede a respiração; isso entretanto, não acontece com as rãs CURARIZADAS, porque embora os pulmões delas deixem de respirar, a pele os substituirá em parte.

b) Nos *mamíferos, aves, répteis* e *anfíbios adultos*, o *Oxigênio* tem de entrar com o ar atmosférico para o interior dos pulmões.

c) Nos *peixes* êle passa com a água arejada, por entre brânquias reunidas em GUELRAS.

d) Nas *raias* e *tubarões*, tambem entra com a água arejada, mas por vários ORIFÍCIOS BRANQUIAIS que vão desembocar em brânquias isoladas.

e) Nos *camarões, lagostas, caranguejos girinos* (de rãs recem-nascidas) etc., a respiração externa se faz por BRANQUIAS EXTERNAS que se agitam dentro dágua.

f) Nos *insetos, lacraias*, e, em parte, nas *aranhas*, é o ar atmosférico que, penetrando em TRAQUEIAS, segue suas ramificações multiplicadas pela intimidade dos tecidos, e assim consegue ir levando até os mais finos recantos o precioso Oxigênio.

O próximo artigo poderá ser: PORQUE A RESPIRAÇÃO DOS VEGETAIS E' APARENTEMENTE DIVERSA DA DOS ANIMAIS.

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

KIKI, O PATINHO DESOBEDIENTE

(PARA O 1.º E 2.º ANOS)

Adaptação de MARILÉO

Um dia Dona Pata saiu a passear com seus oito filhotinhos. Andaram o dia inteiro pelas roças de milho que cresciam pela encosta do morro. Que festa não faziam eles quando encontravam uma espiga caída no chão! Em poucos minutos davam cabo dela. Quando a tarde foi chegando, Dona Pata reuniu os filhinhos e disse-lhes:

— "Agora, vamos voltar. Andem todos bem perto de mim porque a raposa não deve estar muito longe e ela é muito má.

Cheios de medo os patinhos começaram a caminhar depressa.

Somente o "Kiki", não deu ouvido às recomendaçxes de sua mamãe. Em vez de andar junto dos outros, foi ficando para trás. Ao passar perto de um bosque êle parou e disse:

— "Qual! Ainda é cedo! Eu tenho muito tempo para chegar à Granja. Vou dar uma olhadela por aquí. Com certeza vou encontrar gostosos bichinhos debaixo daquelas arvores".

E assim pensando, Kiki entrou no bosque.

Quando Dona Pata chegou à Granja e não viu o Kiki, ficou muito aflita e voltou correndo.

— "Kiki!... Kiki!... Kiki... ia ela gritando

Lá longe ela ouviu uma vozinha responder:

— Pi-hi!... Pi-hi!... Pi-hi!...

Dona Pata logo encontrou o pequeno desobediente.

— "Corre, filhinho, se não a raposa te pega!

Kiki largou com pezar o bichinho que estava comendo e correu à frente de sua mamãe. Já estavam quasi chegando à Granja quando ouviram um barulho no mato. Era a raposa.

Dona Pata gritou para Kiki que fugisse e se escondesse. Abrindo as asas e o bico voltou-se para enfrentar a raposa que chegava correndo.

— Tiss!..... Tiss!... Tiss!... fazia ela avançando.

Como era corajosa a Dona Pata! Ela já estava toda mordida, mas, mesmo assim, continuava lutando para salvar seu querido filhinho.

Nisto, apareceu um trabalhador que voltava da roça. Quando êle viu a raposa puxou da espingarda e pum!... pum!... pum!... A raposa caiu morta.

Dona Pata estava salva. A lição serviu, pois Kiki nunca mais foi desobediente.

Todos os livros mencionados nesta revista são encontrados na

PAPELARIA REX LIVRARIA

10% DE ABATIMENTO PARA PROFESSORAS

PRAÇA 7 (ao lado da Casa Bristol)

GUERRA NO MATO

A guerra no mato vai tremenda,
há um espalhafato de espantar os olhos da gente.

As arvores estão em guerra por causa do sol.
e, ao sol, estalam os tiros das tabocas.

A' noite, os vagalumes
andam, em cochichos surdos,
acendendo, com medo, os sinais luminosos,
espiando os combatentes inimigos.

Dos corpos das arvores caidas e mortas,
em decomposição,
surge, nas noites escuras,
o fogo-fátuo,
como assombração.

As palmeiras são lanças enfeitadas de verde,
e os cipós são forcas para os vencidos,
para os galhos caidos na luta bruta.

E, do lado das arvores fortes,
um mochoqueiro forte e valente,
ergue o pendão vermelho da guerra
enquanto, do outro lado,
no meio das arvores fracas e tortas, algumas já mortas,
uma imbaúva, pálida de susto,
ergue a bandeira branca da paz.

VINICIUS MEYER

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

PLANOS DE LIÇÃO

L. MONTANDON

Discutiam, certa vez, duas professoras sôbre o valor do caderno de preparação das lições.

— Francamente, dizia uma delas, não vejo nenhuma utilidade no caderno de preparo de lições, pois é muito raro eu seguir o que lá fica registrado. Faço-o, apenasmente, para o "visto" da minha diretora. Conheço bem o programa do 3.º. ano e sei de cor e salteado a matéria pedida. E você, faz planos diários e segue fielmente o que planejou?

— Faço, sim, os meus planos, religiosamente. Confesso mesmo ser incapaz de dar uma aula sem um plano prévio. E quando às vezes, por um motivo de fôrça maior, não escrituro o meu caderno de preparo de lições, fico sem rumo na minha tarefa. As aulas decorrem sem um motivo que as justifique, o interêsse das crianças dificilmente se mantém nos assuntos que apresento ocasionalmente e tenho mesmo de reprimir, frequentes vezes, manifestações de desordem e indisciplina na classe. Isso nunca se verifica quando tenho bem preparadas as minhas lições, com objetivos bem definidos e material ilustrativo à mão.

— Mas como pode você seguir um plano *rigidamente* se uma pergunta qualquer da classe pode desviar o rumo da lição?

— Esta situação, que frequentemente se nos apresenta, é facilmenmente resolvida sem que por isso eu me afaste dos meus objetivos. Se a pergunta feita não tem relação com o assunto focalizado, procuro satisfazer, momentaneamente, a curiosidade do aluno e registro a pergunta feita para motivo de uma próxima aula. Não pense você que por me manter firme nos meus objetivos os meus planos são seguidos *rigidamente*. Quando preparo minhas lições penso muito nos múltiplos aspectos que ela pode tomar e por isso estudo a matéria com cuidado, seleciono os fatos que devem ser apresentados, escolhendo os mais importantes e que melhor possam interessar às crianças. Assim preparada não receio as perguntas dos meus alunos e posso dar uma certa flexibilidade aos meus planos.

— Você deve gastar um tempo enorme na preparação do seu caderno?!

— A princípio, sim, pois perdia muito tempo na transcrição da matéria a ensinar, na descrição detalhada dos processos que ia usar. Hoje não, com a prática e o conselho de bons mestres, o meu caderno é feito resumidamente, sobrando-me o tempo necessário para estudo da matéria, consulta de livros, preparo e organização do material ilustrativo a empregar.

— E quando você não executa integralmente o seu plano num dia você faz outro para o dia seguinte ou se serve do mesmo?

— Nesse caso registro nas "Observações" a matéria não dada e as razões que impediram a execução completa do plano. No dia seguinte completo o meu trabalho.

— E no caso de você ter que repetir as mesmas lições?

— Ainda assim necessito de uma direção, pois, ao repetir as minhas aulas dou-lhes nova apresentação e introduzo atividades diferentes para melhor fixação dos conhecimentos. No fim de cada dia dou um balanço no que ensinei e conforme a reação da classe volto a insistir nos fatos não aprendidos ou passo a novos ensinamentos.

— Você quer me emprestar um modêlo de planos?

— Oh! não pense você que tenho um modêlo preestabelecido. Os meus planos nem sempre são registrados do mesmo jeito. Frequentes vezes

anoto apenas o essencial para me guiar no desenvolvimento da matéria: algumas atividades, questões, experiencias, etc. etc.

Mas apesar de variar o modo de registro de meus planos, nunca deixo de atender a estas diretrizes:

a) o que vou ensinar;
b) para que vou ensinar;
c) como vou ensinar;
d) que resultados obtive.

Portanto, o assunto da aula, os objetivos em vista, os processos a seguir, o material a usar e os resultados estão sempre presentes no meu trabalho, ainda que não figurem, sistematicamente, por escrito nos planos. Uma das partes que eu considero de suma importância nos meus registros de aula é a que se refere às observações ou resultados com que encerro todos os meus planos. Nas "Observações" registro como decorreram realmente as aulas: a reação dos meus alunos; o sucesso ou o fracasso de certos processos; as medidas que tomo para corrigir certos hábitos ou melhorar a conduta de alguns alunos; as alterações feitas no plano do dia; perguntas ou outros incidentes que motivam futuras aulas, resultados da aprendizagem, etc., etc. As observações em geral servem de elo entre os meus planos, dando uma sequência lógica às minhas aulas e ditando-me muitas vezes o caminho a seguir.

— Está certo. Você soube justificar muito bem a necessidade do caderno de preparo de lições. Vou tentar reproduzir num quadro sintético o que inferí das suas palavras:

1) o caderno de preparo é uma necessidade para o professor. Serve-lhe de guia no desempenho de sua tarefa diária; obriga-o a estudar, renovando-lhe os conhecimentos e aumentando-lhe a cultura.
2) Evita lições improvisadas, despidas de interêsse e de outros valores educativos;
3) Garante um trabalho bem ordenado, bem dosado, bem articulado e, consequentemente, proveitoso.
4) Afasta o aborrecimento, o cansaço e a indisciplina.
5) Melhora os processos de ensino usados pelo professor, deixando bem patente o seu poder de iniciativa, de adaptação e de criação.
6) Serve, finalmente, de excelente meio de contrôle da aprendizagem.

Que deve conter o plano de aula?

a) O assunto da lição;
b) os objetivos em vista;
c) os processos de ensino;
d) o material a empregar;
e) as observações ou resultados.

Com estas diretrizes, acredito mesmo não precisar de um modêlo de plano. E, muito obrigada pelo serviço que me prestou. Dora avante meu caderno vai ser feito não somente para o "visto" da diretora, mas para tornar a minha tarefa mais significativa e eficiente.

CALÇADOS FINOS?

COMPREM NA CASA BRISTOL

10o/o DE ABATIMENTO PARA AS PROFESSORAS

PRAÇA 7 (ao lado da LIVRARIA REX)

PRIMAVERA

(PARA A COMEMORAÇAO DE 22 DE SETEMBRO)

(*Entram dois meninos. Veem encapotados, tiritando de frio*).

1.º — (*Menino*) — Vamos embora, Maninha. Estou tremendo de frio.

2.º — (*Menina*) — Mas me deixe ficar mais um pouquinho, um pouquinho só.

1.º — Para quê, Maninha?

2.º — Queria ouvir o canto de um passarinho...

1.º — Passarinho? Qual! Os passarinhos não cantam no Inverno. Ficam encorujados nos seus ninhos ou vão para longe, muito longe.

2.º — Por que, Maninho?

1.º — Não sei. No inverno tudo é triste e feio. O sol é frio, as árvores não são tão verdes, as flôres são raras...

2.º — Sim. A nossa roseira não tem nem uma rosa!

1.º — Vê? Tudo é feio. A Primavera, sim, é que é linda! Quando ela chegar, havemos de correr pelos campos a colher flores e mais flores!

2.º — E se ela não chegar, Maninha?

1.º — E por que não há de chegar, tolinha?

2.º — Vamos pedir a ela para vir mais de-pressa, vamos? (*gritando para o alto*) Primavera! Primaveee...ra!

1.º — Não adianta chamar. Ela deve vir andando por aí. Hoje eu já vi uma andorinha voando por êstes lados.

2.º — Coitada! Com certeza ela se enganou e pensou que já era primavera.

1.º — Não. Com certeza ela é muito apressada e veio voando à frente das outras.

2.º — E'... Mas viu o frio muito grande e lá se foi embora outra vez. Que pena!

1.º — Ora! Logo voltará. Vamos embora. Vamos esperar lá dentro que chegue a Primavera.

2.º — (*Quasi gritando*) Primavera! O' Primavera!

(*Enquanto ela fala, a Primavera vai entrando devagarinho, sorrindo*).

1.º — Olhe, Maninha! Depressa! Olhe!

2.º — Que linda! Parece uma fada!

1.º — Não. Acho que é uma rainha!

2.º — Será?

Primavera — Não. Nem fada, nem rainha. Sou uma das quatro estações do ano. Sou a Primavera!

1.º e 2.º — Primavera?!

Primavera — Sim. Vocês não me queriam tanto?

2.º — Se queríamos! E a senhora veio só porque nós gritamos o seu nome?

P — Não. Hoje é o dia da minha chegada. Eu já estava no meio do caminho e apressei o passo.

1.º — E de onde vem a senhora?

P — Venho de lá, do outro lado do muro.

2.º — E agora vai ficar aquí conosco?

P — Sim. Já passou o tempo do meu amigo, o Inverno. Agora, êste pedaço do mundo é meu, só meu!

1.º — Chi! Mas êle está tão feio! Sem flores, sem calor, sem alegria...

2.º — Sem brinquedos...

Primavera — Não faz mal. Logo ficará bonito. Vocês vão ver. Sentem-se e fechem os olhinhos. Bem fechados, hein?

(*As crianças se assentam, juntinhas. Primavera faz um sinal sôbre elas*).

Primavera — Estão dormindo. — Agora vou agir.

(*Faz um sinal (palmas por exemplo) e aparece o Sol*).

Sol — Salve, Primavera.

Prim. — Salve, Rei Sol! Rei dos Astros!

Sol — Demoraste um pouco, Primavera.

Primavera — Parei pelo caminho, a conversar com as crianças. Agora aquí estou. E vim disposta a reinar sôbre tudo e sôbre todos. Escute cá uma cousa, Rei Sol, o meu amigo Inverno por onde anda?

Rei Sol — Pobre Inverno! Saíu correndo quando te viu chegar. Chamou os seus amigos e lá se foi de mudança. O vento forte, a neblina, o frio... todos lá se foram a correr.

Primavera — Coitado! Também êle é tão velho e triste! Agora aquí mando eu sózinha. Sabes o que tens a fazer, Rei Sol?

Rei Sol — Sim. Devo espalhar a minha luz pela terra inteirinha. Correr pelos campos, trepar ao cume das montanhas... Entrar por detrás das pedras para aquecer os insetos pequeninos, subir aos galhos mais altos para colorir de verde tôdas as fôlhas das árvores...

Primavera — Bravos, Rei Sol!

Rei Sol — E a minha luz forte — e bela — há de levar saúde e alegria a tôdas as casas! Penetrarei pelas janelas abertas até a cama dos doentes. Brincarei nos recreios das escolas. E o mundo todo ficará doirado, doirado pela minha luz doirada e quente.

Primavera — Bravos, Rei Sol. Podes ir. Embeleza a terra com os teus raios! Chamarei, agora, a rosa, a Rainha das Flôres. (*Faz um sinal*).

Rosa — Salve, Primavera!

Primavera — Salve, Rosa, Rainha das Flores.

Rosa — Quando vi brilhar mais linda a luz do sol, já sabia que tinhas chegado.

Primavera — E aquí estou para reinar. Sabes o que tens a fazer?

Rosa — Pois não hei-de saber, Primavera? Há tanto tempo estamos à tua espera, escondidinhas no fundo da terra!

Primavera — E agora?

Rosa — Agora? Irei por aí a chamar as minhas companheiras. Rosas, cravos, lírios, violetas, goivos, crisandálias... tôdas, tôdas as flôres!

Primavera — E depois?

Rosa — Invadiremos os campos e os jardins. Onde houver um montinho de verdura, há-de aparecer o colorido perfumado de nossas pétalas.

Primavera — E se forem colhidas pelas crianças?

Rosa — Iremos felizes, nas suas mãos. Enfeitaremos as casas, as escolas, as festas e as igrejas.

Primavera — Bravos, Rosa! Chama tuas irmãs.

Rosa — Não é preciso. Elas viram que tu chegaste e veem aí. (*Entram outras*).

(*Bailado das flôres*)

Primavera — Falta-me a Brisa.

Brisa — (*entrando*) — Aquí estou, Primavera.

Primavera — Onde estavas?

Brisa — Lá, naquele monte nevoento. Tinha ido despedir-me de meu irmão mais velho, o vento forte, que partiu de manhãzinha com o Inverno.

Primavera — E se foram de mudança?

Brisa — Sim. E aquí fiquei eu. Às tuas ordens, Primavera.

Primavera — Já sabes o que tens a fazer, não sabes?

Brisa — Sim. O meu papel é tão divertido! Brincar! Brincar, por aí, a dansar pelos jardins e pelos campos. Brincar de leve, bem de leve, para não desfolhar as flores nem derrubar as fôlhas das árvores. Brincar com as cortinas das janelas, com os cabelos das crianças...

Primavera — Muito bem, Brisa.

Brisa — E espalhar perfumes. Perfumes de rosas, de violetas, de cravos... E com os perfumes, o canto dos passarinhos! (*vai saindo*).

Primavera — Oh! O canto dos passarinhos! Já me ia esquecendo! Por onde andará O Canarinho de Ouro, o Rei dos Cantores?

Canarinho — (*entrando*) — Eu? Aquí estou, Primavera.

Primavera — Já me faltava a tua voz. Tens cantado muito?

Canarinho — Desde que te foste, nunca mais cantei. Estava tudo tão feio por aquí!

Primavera — E agora?

Canarinho — Agora? Agora já estou sentindo o calor novo do sol e o perfume das flôres. Agora cantaremos todos. Já anda por aí um bando de canarinhos. Vou chamá-los. (*O canarinho canta algumas notas e outros canarinhos chegam. Cantam e dansam*).

Saltitantes
ligeirinhos,
vamos nós
os canarinhos,
a voar e a cantar
a cantar
a cantar...

Bem macios
e quentinhos
ficarão
os nossos ninhos
lá no alto a balançar
balançar .....
balançar...

(*Os canarinhos saem cantando e dansando*).

Primavera — Que me falta ver? Ah! Já me lembro: o homem! Onde andará que ainda não o vi?

Homem (*entrando*) — Salve, Primavera!

Primavera — Estás satisfeito? No fim, és tu o dono de todo êste mundo que eu tornei tão belo.

Homem — Sim. Brilham para mim os raios do sol. Cantam os pássaros. Sopra a brisa ligeira. Brotam em flores as árvores e os jardins. E's bondosa. Eu te agradeço, Primavera.

Primavera — Não basta dizer.

Homem — Eu sei.

Primavera — E então?

Homem — Trabalharei. Mal desponte na manhã o teu sol fecundo, caminharei feliz para o trabalho. Enxada ao ombro e as mãos cheias de sementes, plantarei a terra; espírito aberto ao saber e à verdade, frequentarei escolas; alma simples e coração puro, penetrarei nos templos; braço rijo e cérebro forte construirei estradas, lares e cidades...

Primavera — E serás feliz, homem.

Homem — Sim. Terei abrigo para o inverno, teto para as chuvas, pão para o corpo e alegria para o espírito.

Primavera — E as crianças poderão cantar. Vês? Vamos deixá-las. (*Primavera e Homem saem enquanto entra um grupo de crianças cantando e dansando*).

(*Bailado das crianças*)

Enquanto dansam, as crianças colocam flôres nos braços dos dois meninos assentados. Estes acordam, tomam as flores e saem, sorrindo.

Canto para o bailado das flores na música de Cirandinha:

O' Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia volta
volta e meia vamos dar.

Brotam flores pelos campos,
cantam alto os passarinhos.
O perfume vem das rosas,
brilha o sol pelos caminhos.

De SCHNASS e RUDE

A formação do patriota deve fazer-se á base da formação do homem.

Segunda semana da Pesquisa Psicológica

Acha-se em via de organização a "Segunda Semana de Pesquisa Psicológica", que provavelmente, realizar-se-á, em Belo Horizonte, em fins do mês de setembro próximo.

Por isso é oportuna a publicação da Carta Aberta que o EDUCANDO, solicitado, tem a satisfação de inserir no presente número.

"Rio de Janeiro, 6 de julho de 1943

Ilmo. Sr.

Por ocasião das Jornadas Psicológicas que se realizaram no Rio de Janeiro, comemorando a obra de Eduardo Claparède, surgiu o projeto de organizar a aproximação das pessoas que se consagram à pesquisa psicológica no Brasil. Pensamos que essa pesquisa deve beneficiar-se com os contactos e troca de idéias regulares sôbre os problemas propostos, sôbre as técnicas empregadas, sôbre os resultados recolhidos no campo particular de trabalho.

Agrupando de tal forma os esforços individuais, multiplicar-se-á o rendimento, permitindo alargar o campo de experiências, sugerir certos melhoramentos nas técnicas e confrontar resultados. Além disso, será um estímulo precioso a certos trabalhadores isolados que, por motivos vários, podem ser levados a prematuramente abandonar as investigações iniciadas.

Os principais órgãos de ligação serão: reuniões periódicas, realizadas alternativamente nos principais centros de estudo do país e um boletim de resenhas e de proposições.

Êsse grupo estará aberto a todo pesquisador que apresentar um trabalho realizado ou em via de realização com a indicação do assunto da investigação, da natureza e característicos do material psicológico estudado, do método e das técnicas empregados e dos resultados obtidos e esperados.

Julgamos ser nossa primeira tarefa, a apresentação de um relatório dos trabalhos experimentais, realizados até hoje no Brasil.

Solicitamos, assim, a todos que fizeram investigações experimentais em Psicologia, de enviar-nos um resumo de sua atividade, de acôrdo com o esquema seguinte:

1. Nome e qualificação do autor.
2. Títulos dos trabalhos. Obras onde êsses trabalhos foram publicados.
3. Problemas tratados.
4. Método e técnicas empregados.
5. Natureza e número dos indivíduos estudados (sexo, idade, condições psíquica e social).
6. Resultados e interpretação dos resultados.

Essas notícias formarão uma primeira série de resenhas no boletim do grupo. Solicitamos o envio de separatas dos trabalhos publicados, todas as vezes que for possível.

Obtido o balanço das investigações psicológicas efetuadas no Brasil, examinaremos a possibilidade de publicação regular de trabalhos originais ou de notícias, como também proposições de pesquisas onde a colaboração dos investigadores pode ser a mais útil à psicologia individual, à psicologia educacional e à psicotécnica no Brasil.

Essas propostas poderão surgir de sugestões individuais ou projetos coletivos formados no decorrer das reuniões periódicas que serão ulteriormente definidas e organizadas.

Até segunda ordem, tôda a correspondencia deverá dirigir-se à Faculda-

de Nacional de Filosofia — Cadeira de Psicologia — Prof. André Ombredane — 40 Avenida Aparicio Borges — Rio de Janeiro.

Certos da importância que apresenta nosso desejo de colaborar na pesquisa psicológica, não temos dúvida que nosso apêlo será ouvido por todos os que se entregam ao estudo objetivo, paciente e frutuoso da Psicologia Experimental. Esperamos as respostas para constituir o grupo,

subscrevemo-nos atenciosamente,

Raul Leitão da Cunha

Reitor da Universidade do Brasil

Helena Antipoff

Prof. contratada da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte

André Ombredane

Prof. contratado de Psicologia Experimental da Faculdade Nacional de Filosofia

ECONOMIA

Nos dias difíceis que correm, e que nos levam a um futuro mais duvidoso ainda, o hábito da economia é certamente de valor inestimável.

Ser previdente afim de enfrentar calmamente as necessidades que possam surgir é o dever de cada um e o desejo de todos. Atendendo a êsse legítimo dever e salutar desejo, há uma instituição que oferece o apôio necessário à realização da economia, como base de prosperidade: A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL. Oferecendo juros vantajosos segue de perto os interesses de seus depositantes, facilitando-lhes a aquisição de cadernetas, visto que o depósito mínimo está ao alcance de todos.

Com CINCO CRUZEIROS — Cr $5,00 — abre-se uma conta na CAIXA ECONÔMICA. Inicia-se com essa quantia mínima o caminho para a prosperidade, porque os que sabem economizar com inteligência, terão bem cedo sua recompensa.

A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

ESPERA VOSSA VISITA E VOS DEIXA POR HOJE UM CONSELHO:

ECONOMIZAI, GUARDANDO VOSSO VINTEM

NA

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

PORQUE

"VINTEM POUPADO, VINTEM GANHO"

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL: Rua da Baía, 1635

Origem: Doação
Preço: —